

Por um punhado de

Para economizar US\$ 100, o Laboratório Enila falsificou medicamento e pode ter matado pelo menos 21 pessoas no país



Sérgio Dutti/Época

dólares

NELITO FERNANDES E TINA VIEIRA

Ricardo Diomedes saiu de casa, na Baixada Fluminense, no dia 21 de maio queixando-se de dores no estômago. Aos 57

anos, o técnico de consultório dentário estava animado com a chegada do terceiro neto. O menino nasceu na segunda-feira 9. Não conheceu o avô. Diomedes morreu dois dias depois de entrar no hospital para fazer um simples raio X. Ele é uma das supostas vítimas daquele que pode se tornar o maior crime da história da indústria farmacêutica

no Brasil. Em vez de importar a matéria-prima do Celobar, um líquido de contraste usado em radiografias, o laboratório carioca Enila resolveu fabricá-lo no próprio quintal, sem ter competência técnica para isso. A empresa economizou US\$ 100 na operação. E pode ter matado pelo menos 21 pessoas. Elas saíram de casa no fim de maio para fazer uma radiografia e morreram em agonia menos de 48 horas depois.

A tragédia começou a ser esboçada mais de um ano antes, em fevereiro de 2002. Naquele mês, o Enila recebeu 6 toneladas de sulfato de bário do laboratório alemão Sachtleben Cheme, um dos quatro no mundo com autorização para sua fabricação. Não pagou a encomenda e a companhia alemã cortou o fornecimento. O laboratório carioca resol-

veu produzir a substância em suas instalações. O procedimento parecia simples: tanto o sulfato quanto o carbonato são resultado de reações químicas do bário. Para conseguir o sulfato, é preciso adicionar ácido sulfúrico à matéria-prima. Mas, se a operação não for realizada dentro das condições adequadas, produz-se o carbonato, que é venenoso. O sulfato, inofensivo, não é absorvido pelo organismo. Em contato com a radiação, torna-se fluorescente e permite enxergar, por exemplo, o estômago do paciente no raio X.

O carbonato, ao contrário, entra na corrente sanguínea e provoca intoxicação aguda. Primeiro o rosto começa a formigar e a vítima é tomada por um enjôo profundo. Duas horas depois, já vomita sem parar e tem uma

diarréia intensa. A dor abdominal é fortíssima, a pupila se dilata e a pessoa mal consegue enxergar. O processo químico devastador provoca um desequilíbrio celular e os músculos começam a enfraquecer. O carbonato é tão letal que bastam 35 miligramas para matar um adulto de 70 quilos. É usado como veneno de rato. "Meu pai tentava

falar, mas não conseguia. Quando eu tentei levantá-lo, sua cabeça caiu no meu ombro. Eu vi que ele ia morrer", conta Wellington Almeida de Lima. O pai dele, o comerciante goiano Otávio Gonçalves de Lima, de 63 anos, tomou dois frascos de Celobar em ▶



Wagner Cabral/O Popular

VENENO Lote contaminado do contraste pode matar

REVOLTA Jorge foi o primeiro a denunciar a morte da esposa. Réjane Lapolli, de 61 anos



As vítimas do Celobar



RICARDO DIOMEDES
Aos 57 anos, carioca, ele deixou dois filhos e três netos. Morreu 48 horas depois de ingerir o contraste



Sergio Dutti/ÉPOCA

MORTE EM AGONIA

Paulo (à esq.) e Wellington viram o pai, Otávio Gonçalves de Lima, sofrer dores atrozes antes de desfalecer

receu ali”, defende-se o ex-funcionário. Então, ou Portocarreiro assinava dezenas de liberações em branco ou sua assinatura foi falsificada. “Tudo indica que houve uma atitude criminosa na substituição de uma matéria-prima por outra, inadequada, apenas por razões econômicas”, afirmou o ministro da Saúde, Humberto Costa. “Se confirmada, temos de dar uma punição exemplar para que nenhum outro laboratório do Brasil ouse fazer algo semelhante.”

O primeiro a denunciar o medicamento foi Jorge Torres Ferreira. Em 26 de maio, cinco dias após a morte da mulher, a professora Rejane Lapolli, ele procurou o Instituto Médico-Legal de Goiânia para exigir apuração do caso. Relatou as 24 horas de sofrimento vividas pela esposa depois de ingerir Celobar para um exame de rotina. “Assassinaram a minha mulher”, desabafou. O superintendente do IML, Décio Marinho, tinha acabado de ler em um anúncio de pé de página do jornal *O Globo* um comunicado do Enila informando o recolhimento de um lote de Celobar “por estar impróprio ao uso, podendo causar diarreia, dor abdominal e vômito”. Naquele momento 135 pessoas estavam contaminadas. Destas, cinco já haviam morrido. A denúncia de Jorge deu início a um inquérito que já reúne 200 páginas de horror no 4º Distrito Policial da capital de Goiás. Dos 21 mortos, 14 são de Goiânia - ▶

21 de maio para fazer um raio X do esôfago. Às 13h30 do dia seguinte, morreu.

No início do ano, o Enila comprou 600 quilos de carbonato da indústria Farmos, conforme a nota fiscal de número 000624, obtida por ÉPOCA. Pagou R\$ 1.800 pela carga. Se tivesse comprado a mesma quantidade de sulfato, desembolsaria R\$ 2.100. Ou seja: uma economia de R\$ 300 (US\$ 100) ou 50 centavos por quilo. “A direção do Enila fez a transformação química por economia”, acusa Antônio Car-

los Bezerra, gerente de inspeção da Agência Nacional de Vigilância.

A experiência não deu certo. O lote foi condenado pelo químico Antônio Carlos Fonseca, responsável pelo controle de qualidade do laboratório. Mesmo assim, 4.500 unidades do Celobar foram para a rua graças a mais um fato fraudulento: na liberação, consta a assinatura do químico Sérgio Portocarreiro, demitido da empresa um ano antes. “Eu não assinei. Se o lote é ruim, eu não assino. Não sei como minha assinatura apa-

Eles saíram de casa para fazer um raio X



O Popular

JOSÉ PEDRO MATEUS
Mecânico, de 38 anos, 1,80 metro de altura, ele era conhecido em Goiânia como Maguila



Arquivo pessoal

EDMAR NASCIMENTO
Aposentado de 56 anos, morador de Igarapava, no interior paulista, tinha três filhos



Mantovaní Fernandes/O Popular

ANTONIO DE OLIVEIRA E SILVA
Comerciante goiano de 67 anos, ele morreu em 22 de maio

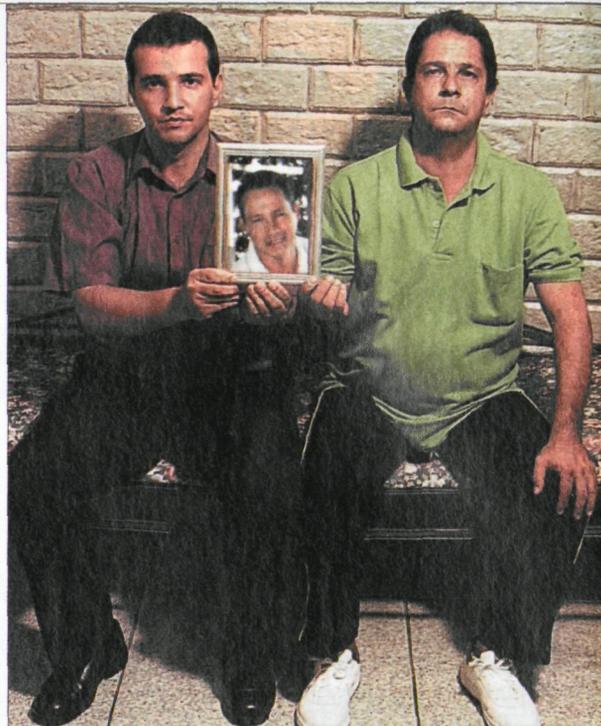
destino de 1.600 dos 4.500 frascos contaminados de Celobar.

O Enila sabia que o lote de Celobar podia matar pelo menos cinco dias antes de publicar o anúncio alertando para os riscos. Em 21 de maio, o técnico em radiologia Antônio Eudes Borges, de 41 anos, há 12 trabalhando com o Celobar, chegou à clínica goiana Multi Imagem às 14 horas. Duas horas depois do primeiro exame, o paciente retornou queixando-se de dor, enjôo e formigamento. Borges já havia percebido que o Celobar estava com um "cheiro diferente e mais ralo que o normal" e concluiu que os sintomas eram causados pelo medicamento. Procurou a distribuidora do contraste e informou que havia problemas com o lote 3040068. "Colocaram uma arma na minha mão, pronta para atirar, e eu não sabia de nada", desabafa Borges. Ele é uma peça-chave do inquérito policial.

A vigilância sanitária interditou e recolheu o lote somente em 28 de maio. Três dias depois, o Enila foi impedido de fabricar seus 30 produtos. Até agora, a empresa já apresentou

Enila, Márcio D'Icarahy, acusou um empregado. Disse que o químico Antônio Carlos Fonseca fazia experimentos com o bário. De acordo com D'Icarahy, na hora de lavar os recipientes, o químico deixou restos do produto e provocou a contaminação. Não faz sentido. Na quinta-feira, o resultado da análise da Fundação Oswaldo Cruz apontou presença de 14% de carbonato de bário em uma amostra de 100 gramas do Celobar, volume grande demais para uma simples impureza.

O delegado Renato Nunes, responsável pelo inquérito, diz que D'Icarahy pode ser indiciado por adulteração de medicamento e homicídio. A pena varia de 20 a 30 anos por caso. Como se não bastassem as versões conflitantes apresentadas pelo laboratório,



LUTO Filho e irmão de Ricardo Diomedes exigem punição

bandido, de atropelamento, mas nunca imaginei que um remédio fosse matar meu marido", desespera-se a dona-de-casa Maria Ivonete Mateus, de 42 anos. Ela viu o mecânico José Pedro Mateus, de 38 anos e 1,80 metro de altura, conhecido na periferia de Goiânia como Maguila, definhar e morrer 24 horas depois de ter ingerido dois frascos de Celobar. Deixou a mulher e dois filhos adolescentes.

Maria e os familiares das 21 vítimas dificilmente verão a cor do dinheiro da indenização. Dez dias depois das primeiras mortes, o Enila entrou com pedido de concordata. O cenário de horrores patrocinado por US\$ 100 mostra que o laboratório entende de economia.

O lote suspeito do medicamento foi distribuído em dez Estados do país

três versões diferentes. Na primeira, informou que houve uma contaminação do lote por micróbios. Na segunda, negou que fizesse experimentação com bário. Na última versão, apresentada em depoimento à polícia do Rio na semana passada, o dono do

rio, no fim do ano passado o Enila pediu o cancelamento da inscrição no Conselho Regional de Química alegando que não fazia mais experimentos.

As famílias das vítimas se preparam para entrar na Justiça contra a empresa. "Eu tinha medo de acidente, de

E morreram menos de 48 horas depois



JOSÉ FERREIRA RODRIGUES
Era cisterneiro em Uberaba, em Minas Gerais. Tinha 66 anos



MARIA RUFINA DE OLIVEIRA
Mineira de Uberaba, ela tinha 75 anos e morreu em 23 de maio



OTÁVIO GONÇALVES DE LIMA
Comerciante goiano de 63 anos, tomou dois frascos e morreu paralisado